

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA ESCOLAR PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DO ALUNO NO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Elenir Maria Andreolla Mattos²

André Paulo Castanha³

Resumo: A pesquisa em sala de aula pode se tornar uma grande aliada ao processo de ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental. Esta deve ser uma postura do professor, pois, segundo Freire (2001): “não existe pesquisa sem ensino e nem ensino sem pesquisa”. Desde o início da escolarização, deve-se focalizar na importância da pesquisa para a construção do conhecimento do aluno com uma formação crítica, criativa e inovadora. Além dessas afirmações, o artigo apresenta definições, métodos e tipos de “pesquisa” de acordo com a visão de alguns autores, ressalta também que, antes de tudo, o próprio professor deve ser um pesquisador em sua prática diária. Partindo da observação de como são desenvolvidas atualmente as pesquisas escolares, propõe-se uma reflexão e reorganização destas atividades, através da implementação do projeto do PDE⁴: “A importância da pesquisa escolar para a construção do conhecimento do aluno no Ensino Fundamental” no ano de 2009 junto aos professores do Colégio Estadual Prof^a Leonor Castellano EFM do município de Barracão-PR.

Palavras-chave: Pesquisa na Escola, Ensino Fundamental, Conhecimento Escolar.

1 - O que é pesquisa?

¹ Projeto de intervenção pedagógica na escola apresentado ao PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, turma de 2008 como requisito básico de participação e avaliação, a ser implementado no ano de 2009 no Colégio Estadual Prof^a Leonor Castellano EFM do município de Barracão PR.

² Professora do QPM (Quadro Próprio do Magistério) participante do PDE 2008. E-mail: elenirandreolla@seed.pr.gov.br;

³ Professor do Colegiado de Pedagogia da Unioeste – Campus de Francisco Beltrão e orientador no PDE. E-mail: andreacastanha@brturbo.com.br;

⁴ PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional da SEED (Secretaria do Estado de Educação) do Estado do Paraná, implantado em 2007 com o objetivo de garantir uma formação continuada.

A palavra “pesquisa” tem origem no latim com o verbo “perquirir”, que significava procurar; buscar com cuidado; procurar em toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem; aprofundar na busca (BAGNO, 2007). Conforme o autor, a pesquisa faz parte do nosso dia-a-dia. Fazemos pesquisa a todo instante quando comparamos preços, marcas, ou antes de tomar qualquer decisão. Ela está presente também no desenvolvimento da ciência, no avanço tecnológico, no progresso intelectual de um indivíduo. “A pesquisa é, simplesmente, o fundamento de toda e qualquer ciência” (2007, p. 18). Sem pesquisa, grandes invenções e descobertas não teriam acontecido.

Para Richardson (1999), pesquisa é um processo de construção do conhecimento que tem por objetivo gerar novos conhecimentos ou refutá-los, constituindo-se num processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza, quanto da sociedade, na qual esta se desenvolve. Pádua define-a deste modo:

Tomada num sentido amplo, pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações (1996, p. 29).

Segundo a autora, o conhecimento é elaborado historicamente pelo acúmulo de pesquisas realizadas. É através do conhecimento que se pode compreender e fazer as transformações na realidade, porém isso vai depender da base teórica dos pesquisadores, ou seja, seu modo de ver o homem em suas relações com a natureza e com os outros homens. Havendo diferentes visões de mundo, de homem e de análise da realidade, também aparecem diferentes concepções de ciência e métodos, ou seja, caminhos diferentes pelos quais se chega a determinados resultados, por exemplo: dialético, positivista, estruturalista, qualitativos, quantitativos e outros.

Podemos definir sinteticamente os métodos da seguinte forma: o método dialético materialista proposto por Marx e Engels, parte da premissa de que no universo nada está isolado, tudo é movimento e mudança, tudo depende de tudo. Pádua assinala que, para analisar o processo de construção do conhecimento e da história por esse método, deve-se levar em conta as relações entre o econômico, o jurídico-político e o ideológico. A síntese, demonstrada por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão conduz a novas buscas, que leva a novas sínteses,

realimentando o conhecimento. A ciência é “ao mesmo tempo a revelação do mundo e a revelação do homem como ser social”. (1996, p. 22).

O método positivista enfatiza a ciência e o método científico como única fonte de conhecimento, estabelecendo forte distinção entre fatos e valores. Analisa as questões sociais da mesma forma que acontecem os fenômenos naturais. À ciência, através da tecnocracia, cabe a tarefa de analisar e resolver todos os problemas sociais.

No método estruturalista o que importa é o estudo das relações entre os elementos. É a busca das estruturas invisíveis construídas pelo pesquisador. Parte da investigação de um fenômeno concreto atinge o nível abstrato, através da constituição de um modelo que represente o objeto de estudo retornando ao concreto, dessa vez como uma realidade estruturada e relacionada com a experiência do sujeito social. Consiste no estudo das relações sociais e a posição que estas influenciam os indivíduos e os grupos.

Os métodos quantitativos preocupam-se tanto na modalidade de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas e estatísticas, já os métodos qualitativos não levam em conta a quantidade de informações para investigar fatos, fenômenos ou grupos; preocupam-se sim, com aspectos psicológicos que indicam o funcionamento das estruturas sociais.

2 - Tipos de pesquisa

Os tipos de pesquisa mais utilizados são: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo (pesquisa-ação, pesquisa participante, pesquisa etnográfica) e pesquisa de laboratório.

Pesquisa bibliográfica: consiste na leitura e fichamento do material bibliográfico selecionado, que servirá de subsídio para a redação da fundamentação teórica do estudo. Também conhecida como referencial teórico, revisão da literatura, revisão bibliográfica. Quando o pesquisador decide que sua pesquisa será do tipo bibliográfica, esta deve ter uma abrangência significativa. Todo e qualquer tipo de pesquisa, em qualquer área do conhecimento, supõe e exige a pesquisa bibliográfica.

Pesquisa de campo: é o tipo de estudo que é feito na própria realidade, ambiente ou situação onde os fatos ocorrem naturalmente. Existem algumas modalidades de pesquisa de campo:

- Pesquisa-ação: propõe-se a uma ação deliberada visando uma mudança no mundo real, seja de atitudes, de práticas, de situações, de condições, de produtos, de discursos, comprometida com um campo restrito; É um processo de controle

sistemático da própria ação do pesquisador, estudo que envolve alguma forma de intervenção, exprimindo um sistema de valores, uma filosofia de vida, individual ou coletiva .

- Pesquisa participante: propõe um intenso envolvimento do grupo pesquisado nas diversas fases da pesquisa, inclusive na definição do objeto de estudo, uma restituição sistemática dos conhecimentos da pesquisa aos pesquisadores e a um processo coletivo da avaliação dos resultados para transformá-los em ações concretas;
- Pesquisa etnográfica: o que a caracteriza fundamentalmente, é um contato direto e prolongado do pesquisador com a situação e as pessoas ou grupo selecionados. Um requisito básico é a obtenção de grande quantidade de dados descritivos, utilizando principalmente a observação. O pesquisador vai acumulando descrições de locais, pessoas, interações, fatos, formas de linguagem e outras expressões que lhe permitem ir estruturando o quadro configurativo da realidade estudada, em função do qual ele faz suas análises e interpretações.

Pesquisa de laboratório: ocorre em situações controladas, valendo-se de instrumental específico e preciso, local ou ambiente adequado, previamente estabelecido, de acordo com o estudo a ser realizado.

3 - Ensinar exige pesquisa

Paulo Freire afirma que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (2001, p. 32). Para ele, o educador deve respeitar os saberes dos educandos adquiridos em sua história, estimulando-os a sua superação através do exercício da curiosidade que os instiga à imaginação, observação, questionamentos, elaboração de hipóteses e chega a uma explicação epistemológica.

O autor destaca que é necessário refletir criticamente sobre a prática educativa para evitar a reprodução alienada, criando possibilidades para o aluno produzir ou construir conhecimentos: “... ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ao a sua construção” (2001, p. 52). O professor deve estimular o ato de pesquisar para que o aluno passe a ser sujeito e não apenas objeto da nossa história.

Para o educador inglês Lawrence Stenhouse, todo professor deveria atuar como um investigador para ser capaz de criar o próprio currículo, baseado nas necessidades reais de seus alunos. Acreditava que todo educador tinha de assumir seu lado experimentador no

cotidiano, pois quem mais precisa aprender é aquele que ensina. Ao transformar a sala de aula em laboratório, é possível garantir a aprendizagem dos alunos das classes sociais menos favorecidas com maior autonomia e assim fazê-los alcançar um nível intelectual mais elevado.

Para Demo (2007), o professor deve ser um pesquisador que constrói e reconstrói seu projeto pedagógico. Ele deve produzir ou reconstruir textos científicos, elaborar ou reelaborar o material didático, inovando sempre sua prática didática em sala de aula.

Martins (2007, p. 85) aponta para a importância do papel do professor, quando afirma que o mesmo: "...deverá conduzir o projeto e procurar, em sua construção, resultados que possam superar a metodologia das superficialidades, isto é, os conceitos do senso comum, aprofundando mais o lado científico da investigação". Para tanto, o próprio professor deve ser, antes de tudo um investigador, fazendo um diagnóstico para conhecer o que os alunos já sabem, respeitando o contexto e situação cultural que estão inseridos, adequando assim os métodos ao trabalho a ser desenvolvido. Ao incentivar o trabalho escolar com projetos de pesquisa, o autor faz a seguinte observação em relação ao educando:

A criança tem paixão inata pela descoberta e por isso convém não lhe dar a resposta ao que não sabe, nem a solução pronta a seus problemas; é fundamental alimentar-lhe a curiosidade, motivá-la a descobrir as saídas, orientá-la na investigação até conseguir o que deseja (2007, p. 78).

Muitas vezes a aula não se torna atrativa para o aluno e isso é, quase sempre, resultado da metodologia inadequada utilizada pelo professor. Matar a curiosidade do aluno dando-lhe respostas prontas e acabadas, antes mesmo de questionar o que o mesmo já sabe sobre o assunto abordado é um dos motivos que leva ao desinteresse por parte do educando e frustração ao professor. A utilização de métodos que levam o educando à investigação, também pode evitar muitos casos de indisciplina em sala de aula, pois se a aula é atrativa, o mesmo sente-se motivado para a aprendizagem.

Menga Ludke defende que o próprio professor da Educação Básica deve ser um constante pesquisador em seu trabalho diário. Também ressalta que há limitações tanto na academia, onde se dá a formação profissional, bem como o tempo disponível para o desenvolvimento de pesquisas é insuficiente, sendo que nas horas atividade ou permanência é o momento em que o docente prepara suas aulas e corrige trabalhos de seus alunos.

Nesse sentido, o Programa PDE, ligado a SEED do Estado do Paraná, abriu novas possibilidades para que o professor participante do Programa desenvolva pesquisas em seu local de atuação, buscando a superação dos problemas e visando a melhoria da qualidade do ensino da Educação Básica. Conta também com a participação dos demais educadores que

compõem a rede de ensino através da formação de grupos de estudo sob a coordenação do professor PDE, onde o projeto de pesquisa é discutido e implementado.

4- Pesquisa na escola e suas possibilidades

Durante muito tempo o tema da pesquisa foi tratado como de exclusividade dos estudantes dos cursos superiores, sendo que na Educação Básica, especificamente no Ensino Fundamental, onde se inicia a escolarização, pouca ênfase ou orientações vêm sendo disponibilizadas aos educandos quanto ao encaminhamento dos trabalhos de pesquisa escolar. Muitos são os fatores determinantes dessa visão, mas acredita-se que a formação precária e aligeirada dos professores em suas graduações e a falta de trabalhar com o tema na formação continuada dos mesmos são evidências da desqualificação da pesquisa no Ensino Fundamental.

A realidade, na maioria das vezes encontrada é a de que no momento em que o aluno se depara com trabalhos de pesquisa escolar, se vê frente a uma situação conflituosa e, por falta de orientação, sem saber como fazer e onde encontrar materiais sobre o tema solicitado, simplesmente deixa de fazer ou apresenta cópias fiéis de partes de obras ou recorte e cola trechos de textos da Internet, apenas para receber “nota”, sem consciência do crime do plágio cometido e, muitas vezes nem lê o que entrega ao professor.

José Mendes Manzano e Nívia Gordo, afirmam que é preciso avaliar até que ponto as atividades de pesquisa escolar, do modo como são encaminhadas e elaboradas atualmente nas escolas do Ensino Fundamental, contribuem para o processo formativo dos educandos. Além disso, na maioria das vezes, os pais se vêem incapazes de auxiliar os filhos na busca de fontes de consulta ou até mesmo na organização da redação final. Os autores também alertam para a forma em que os trabalhos são apresentados, onde a pesquisa quase sempre é uma cópia, sem indicação de fontes e nem o emprego de aspas. E, se falar de trabalho em equipe, piora ainda mais, pois geralmente um copia, outro digita, outro faz a organização, ou simplesmente um faz e põe o nome dos outros e assim por diante. Segundo os autores, a escola tem autonomia na elaboração do Projeto Político Pedagógico, para definir o que é realmente importante no processo de ensino e aprendizagem, sendo assim poderá traçar metas e definir regras para que a pesquisa desenvolvida em sala de aula se torne mais uma aliada na tão discutida redução do fracasso escolar.

Bagno, indignado com a forma superficial em que as pesquisas escolares na maioria das vezes são encaminhadas, faz sugestões para transformar essas atividades em verdadeiras

fontes de aquisição de conhecimento. Segundo ele, o professor, além de transmitir conteúdos, tem o papel de ensinar a aprender, orientando e criando possibilidades para que a criança chegue às verdadeiras fontes do conhecimento através de um olhar crítico. Essa forma de desenvolver pesquisa em sala de aula precisa ser repensada e discutida, já que nos cursos superiores ou mesmo na formação continuada de professores o assunto não é levado em consideração.

Marcos Bagno enfatiza a importância da pesquisa já nas séries iniciais do Ensino Fundamental, esta deve ser encaminhada de forma organizada, precedida de um projeto que pode ser bem simples, mas que não dispensa a ajuda do professor no sentido de mostrar aos alunos como se faz o trabalho, ou seja, mostrar o caminho a ser seguido. Segundo ele:

Fazer um projeto é lançar idéias para frente, é prever as etapas do trabalho, é definir aonde se quer chegar com ele - assim, durante o trabalho prático, saberemos como agir, que decisões tomar, qual o próximo passo que teremos de dar na direção do objetivo desejado (2007, p. 22).

Por si só, a atividade de pesquisa não tem função nenhuma. Para que a mesma atinja seus objetivos, ou seja, se torne produtiva na escola, é necessário que o aluno analise produções já disponíveis sobre o tema e depois elabore suas conclusões pessoais. Desta forma o educando será capaz de argumentar, criticar, avaliar as diversas situações do conhecimento. O mesmo autor destaca que os temas devem ser relevantes e pertinentes aos conteúdos desenvolvidos no programa escolar garantindo ao aluno o conhecimento. Em sua obra “Pesquisa na escola o que é e como se faz”, Bagno orienta os itens do projeto de forma bem acessível e simplificada, mas que não fogem das normas definidas pela ABNT. São os principais itens: título, objetivo, justificativa, metodologia, produto final, fontes de consulta e cronograma. Quando se trata do produto final, alerta para o ponto importantíssimo do projeto, ou seja, o que desejamos obter com a pesquisa que propusemos aos alunos. É fundamental que os passos do projeto sejam bem explicados e a escolha do tema discutido antes de se lançar a pesquisar.

A pesquisa em sala de aula pode se tornar uma grande aliada ao processo de ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental. Junto às discussões diárias constitui-se num forte instrumento para desenvolver a reflexão, o espírito investigativo e a capacidade de argumentação. Quando bem utilizada e encaminhada com certo rigor, valoriza o questionamento, estimula a curiosidade, alimenta a dúvida, supera paradigmas, torna a aula

mais atrativa, amplia os horizontes do conhecimento do aluno, desperta a consciência crítica que leva o indivíduo à superação e transformação da realidade.

Para Martins (2007, p. 34), trabalhar com projetos de pesquisa desde as séries iniciais é uma maneira de evitar situações que muitas vezes ocorrem ao final de cursos acadêmicos de especialização, ou mesmo de cursos regulares universitários, quando o estudante se vê incapaz de realizar monografias, relatórios de estudos e outros trabalhos. Afirma também que, ao orientar a criança a utilizar métodos científicos no estudo e na investigação leva-a à reflexão sobre problemas da vida e a investigá-los pela observação.

Segundo Demo, a base da educação escolar é a pesquisa, pois quem conhece é capaz de intervir de forma competente, crítica e inovadora:

Não é possível sair da condição de objeto(massa de manobra), sem formar consciência crítica desta situação e contestá-la com iniciativa própria, fazendo deste questionamento o caminho de mudança. Aí surge o sujeito, que o será tanto mais se, pela vida afora, andar sempre de olhos abertos, reconstruindo-se permanentemente pelo questionamento. Nesse horizonte, pesquisa e educação coincidem, ainda que, no todo, uma não possa reduzir-se à outra (2007, p. 8).

Para o autor, é preciso superar o uso exclusivo do método expositivo de dar aulas, onde o professor tem a função principal de transmitir conhecimentos já elaborados, o que define como cópia e que “atrapalha o aluno, porque o deixa como objeto de ensino e instrução” (2007, p.7). O espaço da sala de aula onde o professor é apenas transmissor de conhecimentos precisa ser repensado e transformado. De forma alguma quer dizer que o professor vá perder a autoridade, mas sim que o mesmo passe a se interessar pela aprendizagem de cada aluno, estabelecendo um relacionamento tranqüilo e de participação. Nesse espaço é fundamental desenvolver o espírito de trabalho em equipe e evitar competições individuais, já que a cidadania se constrói pela organização solidária:

[...] trabalhar em equipe é um reclamo cada vez mais insistente dos tempos modernos, por várias razões muito convincentes. De uma parte, trata-se de superar a especialização excessiva, que sabe muito de quase nada, porquanto não faz jus à complexidade da realidade, sobretudo não compreende a sociedade, seus problemas e desafios, de modo matricial, globalizado, multidisciplinar. De outra, o trabalho de equipe, além de ressaltar o repto da competência formal, coloca a necessidade de exercitar a cidadania coletiva e organizada, à medida que se torna crucial argumentar na direção dos consensos possíveis. Neste sentido, pode-se trabalhar a solidariedade e a ética política de maneira mais objetiva, lançando sobre o conhecimento o desafio da qualidade política (2007, p.18).

Para o autor, no trabalho em equipe, é necessário saber argumentar com fundamentação, fazer concessões, ouvir a opinião dos outros e não querer que apenas a sua idéia prevaleça, evitando assim o individualismo e estimulando a coletividade. O professor deve habituar também o aluno a ter iniciativas e a ser investigador no espaço escolar e fora do mesmo. Isso leva à necessidade de se ter uma biblioteca escolar equipada, sempre renovada, com profissional qualificado, acesso às tecnologias como a Internet, e, mesmo que a maioria das famílias dispõe de poucas fontes, sempre há algo que as mesmas possam contribuir nas atividades de pesquisa do educando seja com opinião, objetos, fotos, documentos e outros. O ambiente da sala de aula deve ser motivador de trabalho em conjunto, valorizando a experiência de cada um e relacionando sempre que possível o que se aprende com a vida concreta. Cabe ressaltar aqui que a transmissão de conhecimentos feita pelo professor também deve fazer parte das atividades escolares, pois é impossível trabalhar todos os conteúdos curriculares em forma de pesquisa e o acesso ao conhecimento historicamente acumulado deve ser garantido ao aluno. Nesse sentido Demo afirma que:

Mesmo assim, a transmissão de conhecimento acumulado é insumo indispensável, em vários sentidos: a) porque conhecemos a partir do que já se conhece[...]; b) porque muito raramente conseguimos produzir conhecimento realmente novo[...]; c) porque, culturalmente falando, o processo de aprendizagem é realizado não de modo desencarnado, isolado, inventado, mas na esteira geracional que supõe sempre também transmissão; o processo transmissivo (2007, p.26).

Quando o autor se refere à transmissão de conhecimentos, defende a idéia de que isso não pode ser visto como ponto final, mas como ponto de partida, pois uma geração não deve apenas fazer o que a anterior historicamente fez, mas sim aperfeiçoar com competência de acordo com suas necessidades atuais.

5 - Importância da implementação do projeto

Estudar a problemática da pesquisa escolar no Ensino Fundamental se faz necessário e urgente por dois fatores: primeiro porque se constitui numa prática muito utilizada pelos professores e, freqüentemente desenvolvida sem critérios e fundamentação pedagógica; segundo: o tema da pesquisa escolar foi inserido no Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar a partir do ano de 2008, como um dos componentes do processo de avaliação da

aprendizagem escolar no Colégio Estadual Prof^a Leonor Castellano do município de Barracão-PR. Tal decisão foi tomada coletivamente pelo corpo docente, equipe pedagógica, direção e demais representantes dos órgãos colegiados do estabelecimento de ensino, mas não houve a preocupação de estabelecer critérios para dar encaminhamento às atividades de pesquisa desenvolvidas pelos professores.

Diante da importância de discutir a questão da pesquisa escolar no Ensino Fundamental e da necessidade de garantir alguns encaminhamentos para organizar a atividade na escola, optou-se, enquanto professor PDE, por desenvolver o projeto de intervenção pedagógica sobre o tema da pesquisa. O objetivo é formar grupos de estudos, entre os professores para discutir formas e estratégias de utilização das atividades de pesquisa, como instrumento de construção do conhecimento escolar nesta fase da escolarização. Espera-se, que a partir dos estudos e debates, tenhamos condições de elaborar materiais didáticos que auxiliem tanto os professores quanto os alunos, contribuindo assim para melhorar a qualidade do ensino e, habituar os alunos a pesquisar dentro de princípios e normas científicas.

O projeto de implementação na escola constitui-se na forma de pesquisa de campo com a especificidade de pesquisa-ação como definida no início do texto, tendo como suporte o estudo bibliográfico de vários autores. O mesmo fará parte integrante das atividades curriculares do ano de 2009, junto aos professores de todas as disciplinas do Ensino Fundamental, visando melhorar a prática da pesquisa em sala de aula. Para isso serão seguidos os passos seguintes: Todos os professores da escola serão convidados a participar das atividades; Vários deles serão entrevistados para verificar as formas de realização das atividades de pesquisa na escola; Serão recolhidos trabalhos/pesquisas dos alunos realizados antes da implementação do projeto para posterior análise; Os professores serão organizados em grupos para estudos de textos e para discutir a importância da pesquisa escolar, bem como as questões do cotidiano escolar; Os professores serão convidados a realizar uma atividade de pesquisa bem encaminhada, por turma, com temas diversos, dentro da disciplina e conteúdo em curso; Depois serão feitos estudos comparativos dos trabalhos apresentados antes e depois da execução do projeto, debatendo e avaliando os resultados com os professores; Por fim pretende-se elaborar material didático de apoio aos professores e alunos para melhor conduzir e realizar as atividades de pesquisas escolares - uma espécie de guia do aluno pesquisador.

6 - BIBLIOGRAFIA

- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola o que é como se faz**. 21 ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2004. 159 p. - (Série Pesquisa em Educação, v. 3)
- BASTOS, Carmem Célia Barradas Correia; MANCHOPE, Elenita Conegero Pastor. **Metodologia Científica**. Aula ministrada ao PDE 2008 campus de Cascavel, 15 out. 2008.
- DEMO, Pedro. **Educar Pela Pesquisa**. 8 ed. Campinas: Autores Associados, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- NOVA ESCOLA. **“Grandes pensadores 41 educadores que fizeram história, da Grécia antiga aos dias de hoje”**. Revista Nova Escola. São Paulo: Editora Abril, Ed. Especial nº 19, julho 2008.
- LÜDKE, Menga. **“O professor, seu saber e sua pesquisa”**. In: Revista **Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 74, abril/ 2001. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a06v2274.pdf>> Acessado em outubro de 2008.
- MANZANO, José Carlos Mendes; GORDO, Nívia. **A autonomia da escola como contribuição à redução do fracasso escolar**. São Paulo: Summus, 1997.
- MARTINS, Jorge Santos. **O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio**. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- PÁDUA Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa** Abordagem teórico-prática. Campinas: Papirus, 1996.
- RICHARDSON, Roberto. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.